



SABADO, 28 DE NOVEMBRO DE 1925

O Congresso dos Serviços de Saúde

No Palácio do Comércio, em Lisboa, inaugura hoje os seus trabalhos o 1.º Congresso Nacional dos Serviços de Saúde.

Nunca país em que os problemas de saúde merecessem o carinho da imprensa, a magna reunião a que fazemos referência seria incensada como um notável acontecimento de sumo interesse para a população.

Em Portugal não passa outro tanto. Os serviços de saúde correm à marota, como a nossa reportagem sobre os hospitais o tem provado, e no entanto o acontecimento do Palácio do Comércio apenas tem merecido o cuidado de um ou dois jornais.

Todavia os problemas que vão debater-se são dum valor social muito importante como o atestam as teses a que noutro lugar temos dado publicidade. Não querendo especificar esta ou aquela por que todas são de grande merecimento somos, entretanto, inclinados a aludir a três teses pelo seu ineditismo.

Referimo-nos em primeiro lugar à tese sobre tuberculose, como doença profissional para o pessoal hospitalar. É um notável documento, dum perfeita urdida, sob o ponto de vista sanitário. Nele se advogam medidas de defesa para os pobres enfermeiros, sujeitos ao contágio do terrível bacilo de Koch.

Pela actual legislação, o enfermeiro que durante longos anos tem que suporlar todas as exigências do infeliz tuberculoso; que durante esse grande espaço de tempo é vítima do contágio da grave enfermidade, ao cabo de toda a sua abnegação, uma vez tuberculoso, tem como única recompensa a mendicidade!

A dedicação, o altruísmo destes funcionários hospitalares é reconhecido desta forma barbara, desta maneira desrespeitosa!

O Congresso dos Serviços de Saúde vai estudar o problema, vai procurar defender o enfermeiro do negro espetro da fome, já que a sua profissão não o pode furtar ao contágio do bacilo de Koch.

A segunda tese refere-se à enfermagem de alieados. É uma importante peça descriptiva dos sacrifícios que são inflingidos aos enfermeiros dos manicómios. O leitor que acompanhou a nossa reportagem do Manicómio Bombarda conhece já quão penosa é a vida do enfermeiro desse estabelecimento de saúde. Basta apenas que lhe lembremos que além doutros perigos a que está sujeito, é-lhe imposto um serviço de 30 horas seguidas!

O Congresso de Saúde vai também regular os serviços de enfermagem de alienados, quer sob este, quer sob outros pontos de vista.

O último documento tópico a que nos vamos referir, é dum grande valor sanitário e aproveita, particularmente, às populações rurais. Trata da enfermagem rural que não existe. Propõe esta tese a criação dos serviços de enfermagem junto das Câmaras Municipais, a fim de dispensar a intervenção do curandeiro, sempre nociva à saúde do público.

Sabido como é que em algumas regiões pantanosa o impaludismo grassa com grande intensidade, fornecendo uma percentagem de mortos muito considerável, é mister criar nessas regiões a enfermagem conveniente, cuja missão seria a de auxiliar o médico municipal e, particularmente extinguir o mosquito, principal agente transmissor do germe da doença.

A mesma enfermagem teria ainda uma função importantíssima: o combate ao tétano tão frequente nas populações rurais por falta de recursos sanitários. Quantos casos mortais se registam, só porque a uma picada, só porque a um golpe que um trabalhador recebeu, não se fez o tratamento anti-tétanico!

Essa alta função seria desempenhada pelo enfermeiro rural, em benefício da saúde do povo e em nome dos princípios de humanidade a que as Câmaras não podem eximir-se.

Por estes e por outros motivos que seria ocioso enumerar, o Congresso dos Serviços de Saúde marca como um grande acontecimento social com jus à admiração de todos aqueles a quem os problemas de saúde merecem cuidado.

A Batalha que com desvelado carinho sempre defendeu as justas reivindicações de valorosa classe dos enfermeiros, envia ao Congresso dos Serviços de Saúde as suas cordiais saudações.

UM PROBLEMA GRAVE

A questão das transferências e os transtornos que está causando à indústria de tanoaria

Proporcionou-se-nos ontem a ocasião de conversar longa e detidamente com o camarada Faustino Ferreira, secretário geral da Federação dos Operários da Indústria Vinícola.

Chovia bastante. E na vaga esperança de que o temporal abrandasse uns momentos, fomos aproveitando o tempo escutando o que Faustino Ferreira nos relatou acerca da crise de trabalho na sua indústria e da greve heroica que os operários tanoeiros vêm sustentando no norte do país.

— A crise de trabalho — disse-nos ele — é uma quarta parte dos operários da indústria. Agora ameaça tornar-se geral.

— Porquê — perguntámos.

— Por causa da questão das transferências de dinheiro das colónias para a metrópole.

— É um problema grave, esse das transferências.

— Gravíssimo! — exclamou Faustino Ferreira. — Se o Banco Ultramarino persistir em querer levar 75 mil pelas transferências de dinheiro os exportadores de vinhos paralisam as exportações. Foi o que resolveu a secção de Vinhos da Associação Comercial.

Depois de uma breve pausa o nosso entrevistado prosseguiu:

— Agora já os exportadores não têm a faculdade que tiveram de exportar os seus vinhos para França. Durante e após a guerra houve a febre da exportação para aquele país. Chegaram mesmo a desprasar o Brasil e as colónias só por causa daquele país. Depois as falcaturas nos vinhos desacreditaram os nossos exportadores. Voltaram-se novamente as atenções para os antigos mercados das colónias e do Brasil, não conseguindo, entretanto, o antigo predomínio.

— E agora?

— Agora, para agravar mais este estado de coisas, vem o problema das transferências.

— Resultado?

— Nem exportação para as colónias, nem para a França. Crise de trabalho.

— Que pensa a Federação Vinícola acer-

ca da solução da crise? — perguntámos.

— Que é urgente resolver imediatamente a questão das transferências. E, para assegurar o futuro, proteger, como há muito os tanoeiros vêm reclamando, a plantação de castaneiros para termos no país matéria prima e não necessitarmos de importá-la da Espanha, como está sucedendo agora.

— E os industriais de tanoaria não se mexem?

— Esses — disse Faustino Ferreira — julgam que a crise se resolve por meio da baixa de salários. Mas não protestam contra os exportadores que têm auferido lucros exagerados, a pesar do vasilhame ter baixado de preço.

A chuva continuava caindo monotonamente, persistente, lá fora. A nossa conversa desviou-se para o movimento dos tanoeiros do norte. Faustino Ferreira falou-nos deles.

— E' um problema grave, esse das trans-

ferências.

— Gravíssimo! — exclamou Faustino Ferreira. — Se o Banco Ultramarino persistir em querer levar 75 mil pelas transferências de dinheiro das colónias para a metrópole.

— É um problema grave, esse das trans-

ferências.

— Gravíssimo! — exclamou Faustino Ferreira. — Se o Banco Ultramarino persistir em querer levar 75 mil pelas transferências de dinheiro das colónias para a metrópole.

— É um problema grave, esse das trans-

ferências.

— Gravíssimo! — exclamou Faustino Ferreira. — Se o Banco Ultramarino persistir em querer levar 75 mil pelas transferências de dinheiro das colónias para a metrópole.

— É um problema grave, esse das trans-

ferências.

— Gravíssimo! — exclamou Faustino Ferreira. — Se o Banco Ultramarino persistir em querer levar 75 mil pelas transferências de dinheiro das colónias para a metrópole.

— É um problema grave, esse das trans-

ferências.

— Gravíssimo! — exclamou Faustino Ferreira. — Se o Banco Ultramarino persistir em querer levar 75 mil pelas transferências de dinheiro das colónias para a metrópole.

— É um problema grave, esse das trans-

ferências.

— Gravíssimo! — exclamou Faustino Ferreira. — Se o Banco Ultramarino persistir em querer levar 75 mil pelas transferências de dinheiro das colónias para a metrópole.

— É um problema grave, esse das trans-

ferências.

— Gravíssimo! — exclamou Faustino Ferreira. — Se o Banco Ultramarino persistir em querer levar 75 mil pelas transferências de dinheiro das colónias para a metrópole.

— É um problema grave, esse das trans-

ferências.

— Gravíssimo! — exclamou Faustino Ferreira. — Se o Banco Ultramarino persistir em querer levar 75 mil pelas transferências de dinheiro das colónias para a metrópole.

— É um problema grave, esse das trans-

ferências.

— Gravíssimo! — exclamou Faustino Ferreira. — Se o Banco Ultramarino persistir em querer levar 75 mil pelas transferências de dinheiro das colónias para a metrópole.

— É um problema grave, esse das trans-

ferências.

— Gravíssimo! — exclamou Faustino Ferreira. — Se o Banco Ultramarino persistir em querer levar 75 mil pelas transferências de dinheiro das colónias para a metrópole.

— É um problema grave, esse das trans-

ferências.

— Gravíssimo! — exclamou Faustino Ferreira. — Se o Banco Ultramarino persistir em querer levar 75 mil pelas transferências de dinheiro das colónias para a metrópole.

— É um problema grave, esse das trans-

ferências.

— Gravíssimo! — exclamou Faustino Ferreira. — Se o Banco Ultramarino persistir em querer levar 75 mil pelas transferências de dinheiro das colónias para a metrópole.

— É um problema grave, esse das trans-

ferências.

— Gravíssimo! — exclamou Faustino Ferreira. — Se o Banco Ultramarino persistir em querer levar 75 mil pelas transferências de dinheiro das colónias para a metrópole.

— É um problema grave, esse das trans-

ferências.

— Gravíssimo! — exclamou Faustino Ferreira. — Se o Banco Ultramarino persistir em querer levar 75 mil pelas transferências de dinheiro das colónias para a metrópole.

— É um problema grave, esse das trans-

ferências.

— Gravíssimo! — exclamou Faustino Ferreira. — Se o Banco Ultramarino persistir em querer levar 75 mil pelas transferências de dinheiro das colónias para a metrópole.

— É um problema grave, esse das trans-

ferências.

— Gravíssimo! — exclamou Faustino Ferreira. — Se o Banco Ultramarino persistir em querer levar 75 mil pelas transferências de dinheiro das colónias para a metrópole.

— É um problema grave, esse das trans-

ferências.

— Gravíssimo! — exclamou Faustino Ferreira. — Se o Banco Ultramarino persistir em querer levar 75 mil pelas transferências de dinheiro das colónias para a metrópole.

— É um problema grave, esse das trans-

ferências.

— Gravíssimo! — exclamou Faustino Ferreira. — Se o Banco Ultramarino persistir em querer levar 75 mil pelas transferências de dinheiro das colónias para a metrópole.

— É um problema grave, esse das trans-

ferências.

— Gravíssimo! — exclamou Faustino Ferreira. — Se o Banco Ultramarino persistir em querer levar 75 mil pelas transferências de dinheiro das colónias para a metrópole.

— É um problema grave, esse das trans-

ferências.

— Gravíssimo! — exclamou Faustino Ferreira. — Se o Banco Ultramarino persistir em querer levar 75 mil pelas transferências de dinheiro das colónias para a metrópole.

— É um problema grave, esse das trans-

ferências.

— Gravíssimo! — exclamou Faustino Ferreira. — Se o Banco Ultramarino persistir em querer levar 75 mil pelas transferências de dinheiro das colónias para a metrópole.

— É um problema grave, esse das trans-

ferências.

— Gravíssimo! — exclamou Faustino Ferreira. — Se o Banco Ultramarino persistir em querer levar 75 mil pelas transferências de dinheiro das colónias para a metrópole.

— É um problema grave, esse das trans-

ferências.

— Gravíssimo! — exclamou Faustino Ferreira. — Se o Banco Ultramarino persistir em querer levar 75 mil pelas transferências de dinheiro das colónias para a metrópole.

— É um problema grave, esse das trans-

ferências.

— Gravíssimo! — exclamou Faustino Ferreira. — Se o Banco Ultramarino persistir em querer levar 75 mil pelas transferências de dinheiro das colónias para a metrópole.

— É um problema grave, esse das trans-

ferências.

— Gravíssimo! — exclamou Faustino Ferreira. — Se o Banco Ultramarino persistir em querer levar 75 mil pelas transferências de dinheiro das colónias para a metrópole.

— É um problema grave, esse das trans-

ferências.

— Gravíssimo! — exclamou Faustino Ferreira. — Se o Banco Ultramarino persistir em querer levar 75 mil pelas transferências de dinheiro das colónias para a metrópole.

— É um problema grave, esse das trans-

ferências.

— Gravíssimo! — exclamou Faustino Ferreira. — Se o Banco Ultramarino persistir em querer levar 75 mil pelas transferências de dinheiro das colónias para a metrópole.

TEATRO SÃO CARLOS

HOJE E TODAS AS NOITES
prossegue na sua brilhantíssima
carreira a mais admirável de
todas as peças

O PRÍNCIPE JOÃO

onde têm notabilíssimas criações
os artistas

LUCILIA SIMÕES

— E —

SAMWEL DINIZ

— Encenação da professora —

LUCINDA SIMÕES

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE NOVEMBRO

Q.	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	12	19	26	Aparece às 7,33
S.	13	20	27	Desaparece às 17,16
S.	14	21	28	FASES DA LUA
D.	15	22	29	L.C. dia 20 às 8,11
S.	16	23	30	Q.M. 20 às 8,15
T.	17	24	—	L.N. 20 às 6,55
				Q.C. 22 às 2,00

MARES DE HOJE

Praiamar às 1,21 e às 1,43
Praiamar às 6,51 e às 7,13

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	9500	
Madrid, cheque	2580	
Paris, cheque	777	
Suíça	3797	
Bruxelas, cheque	890	
New-York	19500	
Amsterdam	7591	
Itália, cheque	880	
Brasília	2584	
Praga	559	
Suécia, cheque	526	
Austria, cheque	2577	
Berlim	4338	

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Nacional - As 21 - "As duas Metades", São Carlos. - As 21,30 - "O Príncipe João", Politeama. - As 21,30 - "Paraparigas de hoje", Trindade. - Não há espetáculo. Círculo - As 21,15 - "Guerra ao vinho", Hippolito. - As 21,20 - "Um inimigo do povo", São Luís. - As 21 - "Os Gavilões", Ermida. - As 21,15 - "O Pão de Ló", Eden. - As 21,15 - "No país de tirismos", II. et. Vitoria. - As 20,20 e 22,20 - "Rataplan", Coliseu - As 21 - "Companhia de circo", Joaquim de Almeida - Animatógrafo e variedades. Setor Voz - Animatógrafo e Variedades. Eliz Vilete (A Graca) - As 20 - Animatógrafo. Irenê Luque - Todas as noites. Concertos e discursos.

CINEMAS

Tivoli - Olympia - Central - Condes - Chiado Terreiro - Ideal - Arco Barão - Promotora - Esperança - Tortoise - Cine Paris.

LIMAS NACIONAIS

80 a grande falta de propaganda tem de ser feita para que as limas nacionais hoje se consumam em Portugal, visto que as limas importadas, que são de menor qualidade, custam mais. MARCAS REGISTADAS: preta de Limas Uniao, Tome Peter, Ltd., rivalizam em preços e qualidades com as melhores limas do Mundo. Experimentem, pois, as nossas limas que só encontram a venda em todos os bons estabelecimentos de ferragem do país.

ISQUEIROS

Pedras, Metal Auer, vendem-se no LATTÁ, do Conde Barão.

Largo do Conde Barão, 55

Grande desconto aos revendedores

Acontecimento editorial:

Almanaque de A BATALHA

para 1926

E' posto à venda entre os dias 10 e 20 do próximo mês de Dezembro o Almanaque de "A Batalha" para 1926. Forma um volume de 160 páginas e contém além de muitos retratos e fotografias de acontecimentos, a seguinte interessante matéria:

O almanaque do ano. Indicações úteis. Resumo diário dos factos notáveis da vida operária portuguesa. Os grandes acontecimentos mundiais. Militares e propagandistas mortos. Organização sindicalista. Legislação operária. Endereços dos organismos operários nacionais. Amenidade científica, filosófica, artística e revolucionária.

Preço do Almanaque de "A Batalha" para 1926 - cinco escudos.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2500; pelo correio, 2850. Pedidos à administração de A Batalha.

e quase inanimada na cama, junto da qual o cônego se apressou a colocar os trajes masculinos da heroína, a dirigir-lhe a palavra quando é interrompido brutalmente pelo carcereiro, que lhe diz:

- Fora daqui, velho tonsurado! vai para o diabo, danado desmarcha-prazeres.

- Pobre e santa rapariga! exclamou o padre afastando-se, trago-vos os vossos vestidos! Tomai-os, a-pesar-dos vossos juramentos sobre os Santos Evangelhos. Condenar-vos hão talvez como relapsa, porém mais vale sofrer a morte do que o último ultraje.

A porta do calabouço fecha-se sobre o cônego, e Joana fica só no meio das trevas.

Vós o vêdes, filhos de Joel, desenrola-se, lenta e tenebrosamente, a trama infernal urdida pelo bispo Cauchon e pelo cônego Loyselour no coméço do processo intentado a Joana Darc. Eis aqui em que ele consistia:

1.º - Fazer condenar a acusada sobre a sua própria confissão.

2.º - Obter dela a abjuração de seus erros, prometendo conceder-lhe a vida em nome da doçura paternal da igreja.

3.º - Levar a penitente a cometer um acto de reincidência, para a poderem queimar sem misericórdia.

Levantam-se os cabelos de espanto pensando nesses horrores, até aqui desconhecidos! nesses horrores cumpridos em nome do Omnipotente, e da sua eterna igreja. Coragem! filhos de Joel! Esta lastimosa história está quase no seu termo! coragem! sigamos a virgem das Gálias até ao cume do seu Calvário, e aí ficará completa a sua Paixão! Achará o cáliz de fel, a coroa de espinhos, a morte, e gritará: Glória a vós, meu Deus! assim como o jovem e meigo mestre de Nazaré, em nome de quem a suóliam, e que a nossa avó Geno-

Valério, Lopes & Ferreira, L. L.

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, tatheres,
louça esmalta, parafusos, fundos para cadeiras,
guarnições para móveis -

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

84, R. DO BARRAL, 86 - LISBOA - TELE: fono. 3930, N. 1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50. 51. 52. 53. 54. 55. 56. 57. 58. 59. 60. 61. 62. 63. 64. 65. 66. 67. 68. 69. 70. 71. 72. 73. 74. 75. 76. 77. 78. 79. 80. 81. 82. 83. 84. 85. 86. 87. 88. 89. 90. 91. 92. 93. 94. 95. 96. 97. 98. 99. 100. 101. 102. 103. 104. 105. 106. 107. 108. 109. 110. 111. 112. 113. 114. 115. 116. 117. 118. 119. 120. 121. 122. 123. 124. 125. 126. 127. 128. 129. 130. 131. 132. 133. 134. 135. 136. 137. 138. 139. 140. 141. 142. 143. 144. 145. 146. 147. 148. 149. 150. 151. 152. 153. 154. 155. 156. 157. 158. 159. 160. 161. 162. 163. 164. 165. 166. 167. 168. 169. 170. 171. 172. 173. 174. 175. 176. 177. 178. 179. 180. 181. 182. 183. 184. 185. 186. 187. 188. 189. 190. 191. 192. 193. 194. 195. 196. 197. 198. 199. 200. 201. 202. 203. 204. 205. 206. 207. 208. 209. 210. 211. 212. 213. 214. 215. 216. 217. 218. 219. 220. 221. 222. 223. 224. 225. 226. 227. 228. 229. 230. 231. 232. 233. 234. 235. 236. 237. 238. 239. 240. 241. 242. 243. 244. 245. 246. 247. 248. 249. 250. 251. 252. 253. 254. 255. 256. 257. 258. 259. 260. 261. 262. 263. 264. 265. 266. 267. 268. 269. 270. 271. 272. 273. 274. 275. 276. 277. 278. 279. 280. 281. 282. 283. 284. 285. 286. 287. 288. 289. 290. 291. 292. 293. 294. 295. 296. 297. 298. 299. 300. 301. 302. 303. 304. 305. 306. 307. 308. 309. 310. 311. 312. 313. 314. 315. 316. 317. 318. 319. 320. 321. 322. 323. 324. 325. 326. 327. 328. 329. 330. 331. 332. 333. 334. 335. 336. 337. 338. 339. 340. 341. 342. 343. 344. 345. 346. 347. 348. 349. 350. 351. 352. 353. 354. 355. 356. 357. 358. 359. 360. 361. 362. 363. 364. 365. 366. 367. 368. 369. 370. 371. 372. 373. 374. 375. 376. 377. 378. 379. 380. 381. 382. 383. 384. 385. 386. 387. 388. 389. 390. 391. 392. 393. 394. 395. 396. 397. 398. 399. 400. 401. 402. 403. 404. 405. 406. 407. 408. 409. 410. 411. 412. 413. 414. 415. 416. 417. 418. 419. 420. 421. 422. 423. 424. 425. 426. 427. 428. 429. 430. 431. 432. 433. 434. 435. 436. 437. 438. 439. 440. 441. 442. 443. 444. 445. 446. 447. 448. 449. 450. 451. 452. 453. 454. 455. 456. 457. 458. 459. 460. 461. 462. 463. 464. 465. 466. 467. 468. 469. 470. 471. 472. 473. 474. 475. 476. 477. 478. 479. 480. 481. 482. 483. 484. 485. 486. 487. 488. 489. 490. 491. 492. 493. 494. 495. 496. 497. 498. 499. 500. 501. 502. 503. 504. 505. 506. 507. 508. 509. 510. 511. 512. 513. 514. 515. 516. 517. 518. 519. 520. 521. 522. 523. 524. 525. 526. 527. 528. 529. 530. 531. 532. 533. 534. 535. 536. 537. 538. 539. 540. 541. 542. 543. 544. 545. 546. 547. 548. 549. 550. 551. 552. 553. 554. 555. 556. 557. 558. 559. 560. 561. 562. 563. 564. 565. 566. 567. 568. 569. 570. 571. 572. 573. 574. 575. 576. 577. 578. 579. 580. 581. 582. 583. 584. 585. 586. 587. 588. 589. 590. 591. 592. 593. 594. 595. 596. 597. 598. 599. 600. 601. 602. 603. 604. 605. 606. 607. 608. 609. 610. 611. 612. 613. 614. 615. 616. 617. 618. 619. 620. 621. 622. 623. 624. 625. 626. 627. 628. 629. 630. 631. 632. 633. 634. 635. 636. 637. 638. 639. 640. 641. 642. 643. 644. 645. 646. 647. 648. 649. 650. 651. 652. 653. 654. 655. 656. 657. 658. 659. 660. 661. 662. 663. 664. 665. 666. 667. 668. 669. 670. 671. 672. 673. 674. 675. 676. 677. 678. 679. 680. 681. 682. 683. 684. 685. 686. 687. 688. 689. 690. 691. 692. 693. 694. 695. 696. 697. 698. 699. 700. 701. 702. 703. 704. 705. 706. 707. 708. 709. 710. 711. 712. 713. 714. 715. 716. 717. 718. 719. 720. 721. 722. 723. 724. 725. 726. 727. 728. 729. 730. 731. 732. 733. 734. 735. 736. 737. 738. 739. 740. 741. 742. 743. 744. 745. 746. 747. 748. 749. 750. 751. 752. 753. 754. 755. 756. 757. 758. 759. 760. 761. 762. 763. 764. 765. 766. 767. 768.

A BATALHA

Teses a discutir no Congresso de Serviços de Saúde

O direito à reforma para o pessoal hospitalar não deve ter qualquer restrição

Senhores Congressistas: — Verdadeiramente congratulado pela realização, entre nós, pela primeira vez, de um congresso onde se faz representar, com o mais vivo entusiasmo, a classe da enfermagem portuguesa, porque esse congresso, além de abrir novos horizontes ao futuro de todas as classes que por ele se interessam, acentua, também, uma conduta moral e intelectual que nos honra a todos, exteriorizando a minha satisfação por tão útil empreendimento e saudando todos aqueles que para ele contribuíram, saudando, igualmente, com muito prazer, os ilustres congressistas que lhe vieram dar a sua cooperação valiosíssima.

Reconhecendo que a nossa classe, infelizmente, não progrediu tanto como tinha pro-

babilidade de progredir, afirmo, no entanto, com muito prazer e sem recuar qualquer desmentido, que este progresso, afinal, não é tão intenso, felizmente, como muita gente julga.

Mas, porque muito há ainda a conseguir e porque há muitos colegas nossos, que no seu mister tão útil tão necessário, não têm as garantias que outras classes têm hoje, tenho a honra de apresentar ao congresso esta tese insignificativa, sob o ponto de vista literário, mas que, por ser inspirada num elevado sentimento de justiça, vai merecer, naturalmente, a vossa atenção.

Senhores Congressistas: — Como V. Ex. as sabem, os funcionários dos diversos serviços hospitalares, a pesar de exercerem uma função cuja utilidade e necessidade é absolutamente indiscutível, e que não só é imprescindível, mas insubstituível, também, como, aliás, ninguém ousará contestar, só têm o direito à aposentação quando não meados funcionários públicos, isto é quando se encontram ao abrigo de uma lei geral que lhes concede esse direito.

Para se patentear quanto é injusta a desigualdade de tratamento de que são vitimas os funcionários dos diversos serviços hospitalares, sob o ponto de vista do direito à aposentação tal como está fixado, nem é necessário fazer, sequer, quaisquer referências à forma como no exercício dos seus misteres muitos deles estão ligados a dois terríveis males; um de origem microbiana e outro de origem bacilo.

A utilidade e imprescindível necessidade da sua função e o carácter especial que tem, como facilmente o compreenderá qualquer espírito menos culto, patenteiam de tal forma a injustiça de que somos vitimas, que bastará esta simples referência à função que desempenhamos para que se veja em indiscutível evidência, tremenda injustiça de que somos vitimas, a pouca consideração a que temos sido votados.

De facto, em atenção à natureza dos serviços que desempenhamos e às responsabilidades que temos, presentemente no seu desempenho, nenhuma, certamente, consideraria um privilégio, se o direito à aposentação para o pessoal hospitalar fosse fixado ao fim de um período de trabalho mais curto que o de outros empregados, se a remuneração que auferímos não fosse tão exígua como é.

Infelizmente, porém, há colegas nossos que se encontram em circunstâncias muito piores do que as nossas.

Excelentíssimos colegas: do que me preendo ocupar em especial, neste modesto trabalho, são os nossos colegas que tiveram a fatalidade de ter de ganhar o pão de cada dia nos hospitais da província!

Como todos nós sabemos, há inúmeras instituições hospitalares em diversas terras do país que, pela sua pobreza, nem mesmo a aposentação que nós obtemos conseguem usufruir.

Há muitos colegas nossos que, depois de terem exercido uma vida inteira a velar pela alheia, na velhice e depois de se encontrarem inabilitados, acabam na maior miséria, sendo esta a única recompensa que obtém do seu trabalho.

Vejamos, por exemplo, o que sucede com três enfermeiros do Hospital da Misericórdia de Évora, um, com 45 anos de serviço e que se encontra cego e os outros dois com 40 anos de serviço, um, e outro com 36 que estão hoje reduzidos à miséria, pensão de 500 escudos diárias.

Na perspectiva que está no ânimo de todos os ilustres congressistas, a demonstração de solidariedade que este modesto trabalho representa, para os nossos colegas da província, e no desejo de concretizar as considerações que nos podia sugerir a sua triste opinião, tenho a honra de apresentar ao congresso a seguinte proposta:

Considerando que aos funcionários dos Hospitais, Misericórdias e Institutos que têm fiscalização do Estado, bem como aos das Câmaras Municipais, não lhes é concedida a aposentação nas condições em que a obtemos, ou quando se encontram impossibilitados pela idade ou por qualquer acidente;

Considerando que esse pessoal exerce uma função, que não pode deixar de merecer ao Estado, uma atenção idêntica à dos funcionários públicos;

Considerando que, não é justo que não obtemos aposentação os empregados das instituições em que o Estado é interessado em manter serviços de saúde;

Considerando que representa uma verdadeira injustiça a circunstância do pessoal empregado nesses institutos não ter o direito à aposentação, conferido aos empregados dos estabelecimentos hospitalares do Estado;

Considerando que o Estado tem o dever de pôr ao abrigo da miséria, todos aqueles que exercem uma função social com a utilidade que tem a nossa;

Considerando finalmente que é de toda a justiça que o Estado, por meio de seguro, coloque ao abrigo da miséria, quando se encontra no último quartel da vida, o pessoal que hoje trabalha em estabelecimentos hospitalares que têm autonomia.

Propomos que se reclame ao sr. ministro do Trabalho uma lei pela qual se organize:

1.º — Que se reclame do Estado o cumprimento do decreto n.º 5516 que manda aplicar a todas as classes a lei horário do trabalho;

2.º — Que à sua execução, adoptar-se-há em cada serviço o seu horário segundo as necessidades para a boa execução dos serviços;

3.º — Aumentando o número de pessoal com a aplicação da lei, adérm melhores vantagens para o tratamento de doentes;

4.º — Que todos os sindicatos representados, como também todo o pessoal hospitalar, têm todo o seu esforço à regulamentação da lei horário do trabalho. — *Lourenço de Jesus Frias, relator.*

vidência Social, para concessão da pensão de reforma nos casos de incapacidade por doença adquirida em serviço, ou quando tenham atingido trinta anos de serviço em qualquer hospital, misericórdia, câmara municipal ou qualquer instituto onde exista pessoal considerado de «saúde».

b) Que a referida Caixa de Reformas e Pensões seja mantida por uma cota obrigatória e regulada pelo referido Ministério. — *Alvaro Eugénio Pereira Coutinho, relator.*

Horário de trabalho nos serviços de enfermagem dos hospitais

Presados congressistas: — Ao apresentar este trabalho, saúdo todo o Congresso e em especial os clínicos hospitalares.

A enfermagem em Portugal, como é do conhecimento de toda a gente, é exercida por indivíduos de ambos os sexos, e como classe é das que menos usufruem, o que não acontece aos nossos colegas estrangeiros.

Assim, enquanto que hospitalares franceses a enfermagem nos seus horários de trabalho gosam da mesma regalia que todas as outras, a jornada das 8 horas, em Portugal havendo também a mesma lei, que não exclui o pessoal hospitalar, até hoje ainda não foi aplicada.

Não se comprehende que o Estado, obrigando os patrões a cumprir a lei, seja quem dê o exemplo de faltar ao seu cumprimento. Estou convencido, tendo muita esperança que desse congresso safrão bem delineadas as nossas reivindicações, que hão-de trazer melhores dias para os que labutam nos serviços de saúde.

O cumprimento da lei horário de trabalho nos serviços hospitalares, pode ser executado se toda a classe assim o entender, pois aí a nós, os enfermeiros, a sociedade não nos deve esquecer e tem de querer auxiliar-nos quando as nossas pretensõesjam justas como esta.

Portugal representado na Conferência de Washington, ratificada por lei todos os Estados e defendida pelo Bureau Internacional do Trabalho, resolreu estabelecer o regime das 8 horas.

O pessoal de enfermagem dos hospitais trabalha numa média de 85 horas por semana, quase o dobro que marca a lei, em prejuízo dos serviços por uma longa permanência, e nas pésimas condições higiénicas dos nossos hospitais, do que resulta o seu despauperismo.

Sob o ponto de vista moral o estabelecimento do horário de trabalho, trará uma melhor repartição de horas de trabalho o que não acontece actualmente.

O enfermeiro dentro dos hospitais desempenha pouco esforço muscular, mas tem grande permanência dentro dos respectivos serviços, num meio portanto insalubre, em luta constante com um exército de bacilos de toda a ordem. O enfermeiro necessita dum grande esforço moral para cuidar dos enfermos que nos impõem como dever uma dedicação sem limite, mas por isso também deve ser regulada essa missão de trabalho a executar segundo as leis.

Como sabeis, é a tuberculose que nos mata, sendo um grande factor contra o nosso organismo o ar que respiramos nos nossos serviços, trabalhando horas seguidas, e em enfermarias com lotação de 50, 60 e 90 doentes. Havendo uma melhor divisão de horas de trabalho o serviço far-se há com mais interesse para os doentes, e desde que todos os que trabalham nos hospitais sejam pontuais na sua execução e toda a engrenagem funcionando com a devida regularidade, certo que a enfermagem poderá também gosar dos benefícios que hoje têm todas as classes.

Preconizamos a lei horário de trabalho nos serviços de saúde, mas acima de tudo devemos manter este princípio intangível:

O interesse superior dos doentes, que a Sociedade nos confia, indica-nos que em caso algum os cuidados a ministrar aos enfermos devem sofrer.

Segundo comunicação dos nossos colegas franceses, são os seguintes os horários que vigoram nos hospitais de Paris:

1.ª equipa, entra às 8 horas da manhã até às 17,30, tendo 1,30 para almoço.

2.ª equipa o pessoal mais reduzido, das 17,30 às 23 horas.

3.ª equipa. Serviço de vela das 23 horas às 8 horas.

Toda o pessoal se apresenta 10 minutos antes da hora marcada para se fazer a entrega do serviço.

Os horários mais em vigor são os que preconiza a Federação dos Serviços de Saúde Francesa, que são os seguintes:

1.ª equipa entrada às 8 h. até às 14 1/4

2.ª " " 14 " " 23 "

3.ª " (de vela) 23 " " 8 "

Se a necessidade do serviço obrigar a permanecer mais tempo, não recebe qualquer remuneração, mas só-lhe essas horas contadas e prefaçando 8 horas gosará um dia de licença, ou tantos dias quantas 8 horas suplementares fizer e no fim do ano gosá-junto à sua licença disciplinar, mais esses dias.

Em Portugal, nos serviços de enfermagem dos hospitais pode também aplicar-se a lei horário de trabalho e assim apresento a seguinte proposta:

O 1.º Congresso Nacional dos Serviços de Saúde resolve:

1.º — Que se reclame do Estado o cumprimento do decreto n.º 5516 que manda aplicar a todas as classes a lei horário do trabalho;

2.º — Que à sua execução, adoptar-se-há em cada serviço o seu horário segundo as necessidades para a boa execução dos serviços;

3.º — Aumentando o número de pessoal com a aplicação da lei, adérm melhores vantagens para o tratamento de doentes;

4.º — Que todos os sindicatos representados, como também todo o pessoal hospitalar, têm todo o seu esforço à regulamentação da lei horário do trabalho. — *Lourenço de Jesus Frias, relator.*

Assistência aos alienados

Senhores congressistas: — Ao ser eleito pela minha classe seu delegado a é e Cor-

NAS AMÉRICAS

O governo do Panamá e os grevistas

Na América Latina acaba de se dar mais um caso em que se demonstra bem como os Estados capitalistas se entendem às mil maravilhas, quando se trata de prejudicar a família trabalhadora. O governo de Panamá, para fazer face a uma greve, pediu a intervenção da polícia norte-americana que está de guarda no canal. Os Estados Unidos, que tem todo o interesse em sufocar qualquer revolta do povo trabalhador, aceitou imediatamente a esse pedido.

A este respeito, o correspondente do *United press* em Balboa informa o seu jornal do seguinte:

«O governo de Panamá pediu que as autoridades dos Estados Unidos ocupassem essa cidade para reprimir as desordens que os grevistas cometem. A ocupação da capital pelas tropas dos Estados Unidos efectuar-se-há hoje, pelas 13 horas e 30 e o general Martin entrará a frente de três batalhões. As autoridades civis ficarão aí durante este último dia de greve.

Também favoreu a ação da Liga Antimperialista da América, que pretende agrupar as organizações operárias contra o imperialismo «yankee», e em oposição à Federação Pan-Americana do Trabalho, patrocinada pelos sucessores de Gompers. Por isso os trabalhadores fieis às doutrinas deste último traidor tomarão todas as medidas contra ela no congresso.

No seu relatório anual o Comité Executivo da Federação pôs em guarda os congressistas contra as armadas dos comunistas, certamente, por desconhecerem o desejo sincero que estes têm de realizar a frente única de todas as forças operárias organizadas.

Nesse relatório afirma-se que a Federação Americana tem presentemente 2.878.297 membros, contra 2.865.799 no ano passado, mas parece que esta afirmação não é bem verdadeira.

Assistiram ao congresso uma delegação alemã composta de 15 membros, e uma delegação inglesa de dois membros: Purcell e Ben Smith.

Purcell defendeu calorosamente a «união sindical mundial», mas Green, sucessor de Gompers, declarou-lhe perentoriamente:

«Levai à Internacional Vermelha. Russa esta mensagem: o movimento trade-unionista americano não se filiará nunca numa organização que prega a ditadura do proletariado; frase muito bonita, mas incompleta, porque ele não acrescentou que tal declaração não era feita por amor à liberdade, mas por defender a de igual forma odiosa — ditadura burguesa.

E é isto que hoje perde o seu tempo a Federação Americana do Trabalho que outrora teve um passado brilhante de lutas, quando na exerceu a sua ação revolucionária os anarquistas assassinados na penitenciária de Chicago.

As greves começaram com o incidente que os inquilinos tiveram há alguns dias com a polícia, quando esta procurava dispersar uma reunião que celebrou a Liga dos Inquilinos, proibida pelo governo.

Até agora as intervenções americanas efectuavam-se sem o consentimento dos governos dos países, ou a pedido destes para assegurar a sua estabilidade perante os partidos de oposição. Mas ultimamente o governo americano tem feito extraordinários progressos.

Se a nova medida der resultado, não está longe o dia em que, a pedido dos próprios capitalistas americanos, com ou sem o consentimento do governo das repúblicas protegidas, as tropas intervirem nos conflitos sociais e farão o papel de polícias nas cidades convulsionadas pelas reivindicações do operariado.

As autoridades, sempre subservientes para os senhores ingleses, pretendem obrigar os grevistas a retomarem o trabalho. Escusado será dizer que esta pretensão não consegue.

As autoridades, sempre subservientes para os senhores ingleses, pretendem obrigar os grevistas a retomarem o trabalho. Escusado será dizer que esta pretensão não consegue.

As autoridades, sempre subservientes para os senhores ingleses, pretendem obrigar os grevistas a retomarem o trabalho. Escusado será dizer que esta pretensão não consegue.

As autoridades, sempre subservientes para os senhores ingleses, pretendem obrigar os grevistas a retomarem o trabalho. Escusado será dizer que esta pretensão não consegue.

As autoridades, sempre subservientes para os senhores ingleses, pretendem obrigar os grevistas a retomarem o trabalho. Escusado será dizer que esta pretensão não consegue.

As autoridades, sempre subservientes para os senhores ingleses, pretendem obrigar os grevistas a retomarem o trabalho. Escusado será dizer que esta pretensão não consegue.

As autoridades, sempre subservientes para os senhores ingleses, pretendem obrigar os grevistas a retomarem o trabalho. Escusado será dizer que esta pretensão não consegue.

As autoridades, sempre subservientes para os senhores ingleses, pretendem obrigar os grevistas a retomarem o trabalho. Escusado será dizer que esta pretensão não consegue.

As autoridades, sempre subservientes para os senhores ingleses, pretendem obrigar os grevistas a retomarem o trabalho. Escusado será dizer que esta pretensão não consegue.

As autoridades, sempre subservientes para os senhores ingleses, pretendem obrigar os grevistas a retomarem o trabalho. Escusado será dizer que esta pretensão não consegue.

As autoridades, sempre subservientes para os senhores ingleses, pretendem obrigar os grevistas a retomarem o trabalho. Escusado será dizer que esta pretensão não consegue.

As autoridades, sempre subservientes para os senhores ingleses, pretendem obrigar os grevistas a retomarem o trabalho. Escusado será dizer que esta pretensão não consegue.

As autoridades, sempre subservientes para os senhores ingleses, pretendem obrigar os grevistas a retomarem o trabalho. Escusado será dizer que esta pretensão não consegue.

As autoridades, sempre subservientes para os senhores ingleses, pretendem obrigar os grevistas a retomarem o trabalho. Escusado será dizer que esta pretensão não consegue.

As autoridades, sempre subservientes para os senhores ingleses, pretendem obrigar os grevistas a retomarem o trabalho. Escusado será dizer que esta pretensão não consegue.

As autoridades, sempre subservientes para os senhores ingleses, pretendem obrigar os grevistas a retomarem o trabalho. Escusado será dizer que esta pretensão não consegue.

As autoridades, sempre subservientes para os senhores ingleses, pretendem obrigar os grevistas a retomarem o trabalho. Escusado será dizer que esta pretens